

José Gregório da Silva Júnior

**CO=LETRAS &
CO=LER=TÂNEAS**

O ESTILO POÉTICO DE ZÉ RAMALHO
E O TROPICALISMO EM CAETANO VELOSO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

José Gregório da Silva Júnior

**CO=LETRAS &
CO=LER=TÂNEAS**

**O ESTILO POÉTICO DE ZÉ RAMALHO
E O TROPICALISMO EM CAETANO VELOSO**

EDITORA RECANTO das LETRAS

© José Gregório da Silva Júnior

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Christiane Curioni
Capa e diagramação: Dimitry Uziel
1ª edição – dezembro de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva Junior, José Gregório

Co=letras e co=ler=tâneas : o estilo poético de Zé
Ramalho e o tropicalismo em Caetano Veloso / José Gregório
da Silva Junior. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
240 p.

ISBN: 978-85-7142-110-3

1. Música brasileira 2. Análise do discurso 3. Ramalho, Zé,
1949- 4. Veloso, Caetano, 1942- -- Crítica e interpretação
5. Poesia brasileira I. Título

21-5194

CDD 780.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Música brasileira

Agradecimentos

Aos meus pais José Gregório da Silva Filho e
Raimunda Alves da Silva (*in memoriam*);
e aos meus filhos, Pedro Alex (*in memoriam*),
Dherssya Vanessa, Nívea Maria e Maria Eugênia.

Dedicatória

Dedico este livro à turma de Licenciatura Plena em Letras Português, no período de 1991-1996, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

SUMÁRIO

PARTE 1

O ESTILO POÉTICO DE ZÉ RAMALHO ······ 13

Biografia e início de carreira ······	15
Trilha sonora de novelas ······	16
Outros sucessos ······	17
Introdução ······	18
Objeto da sociologia ······	19
Fato social ······	20
Características do fato social ······	21
Problema dos mitos ······	29
O mito da mulher dominadora do homem ··	34
O erotismo na poesia ramalhiana ······	35
Teoria da equilibração de Piaget ······	41
Romantismo: paixão e libertação ······	52
Ramalhada (José Gregório da Silva Júnior) ··	55

O TROPICALISMO EM CAETANO VELOSO ······ 61

Biografia e início de carreira ······	62
Tropicalismo e exílio ······	63
Década de 1980 e últimas décadas ······	64
Prêmios e filhos ······	65
Introdução ······	66
Abordagem sociolinguística ······	74
Conclusão ······	95
Bibliografia ······	98

PARTE 2

O SENSUALISMO E O EROTISMO NO ROMANCE

A CARNE, DE JÚLIO RIBEIRO ······ 101

Síntese da obra <i>A carne</i> , de Júlio Ribeiro ··	103
Biografia ······	105

Introdução	110
I – O erotismo: as diferenças	112
II – Promiscuidade	120
III – Objetos do amor	122
IV – O erotismo, a palavra e o silêncio	124
V – O erotismo e o sistema literário brasileiro ..	125
Análise: a polêmica	130
Conclusão	144
Bibliografia	148

PARTE FINAL

PÓE=MINHAS RIMAS

JOSÉ GREGÓRIO DA SILVA JÚNIOR	149
Frases introdutórias	151
Palavras que traem	159
Uma rua	160
Flor	161
Ainda hoje	162
Compromisso com a vida	163
Tristeza feliz	164
Ousadia	165
Luz	166
C=oração proibida	167
Alex	168
Dúvida	169
Força	170
Labiosa	171
Amor é ter ouro sem ter mina	172
Oitenta e oito	173
Com você (guindo)	174
Inesque=sensível noite	175
Prazer saudade	176
Procurando-te	177
Vez primeira quem dera (derradeira)	178
Você (duzir)	179
Pergunta (junta-se)	180

Dizer sete	181
Um atributo à Lena	182
És cura	183
Abandono	184
Nivelise-te	185
Foste (forte) foi-se (foice)	186
Vá=nessa	187
O alto nível de Nívea	188
Eugênia	189
Paquero	191
Transa	192
A nacionalidade de Lisete	193
Ino=sente=atração	194
Penetração	196
Luci10 com sobriedade	197
8 de maio	198
Era 7mbro	199
Minha pedra preciosa	200
Arrependimento	202
Espelho meu	203
Meus pontos cardeais	205
Pre=posição	207
Meu dia a dia	208
O preço da de=pressão	209
Devaneio	211
Admito=admin=to	216
“Só Deus sabe”	217
Por um quesito	218
Desfazendo o es=trago	220
Novela das nove=nas	221
O ar in=venta	222
Primeiramente as coisas primeiras	223
Lembranças eu não guardo	225
O cupido culpado?	226
A voz no vácuo	227
Vocês viram? Ou=viram?	228
Por que vivo?	229

Incertos números ·····	230
Incertezas ·····	232
No mundo da lua ·····	233
Paraíso ·····	235
Pela perda de meu filho Alex ·····	236

PARTE 1

O estilo poético de Zé Ramalho

BIOGRAFIA

Zé Ramalho (1944) é um cantor e compositor brasileiro, uma das grandes vozes da geração nordestina dos anos 1970. José Ramalho Neto nasceu em Brejo da Cruz, Paraíba, no dia 3 de outubro de 1944, filho de Antônio de Pádua Ramalho, um seresteiro, e de Estelita Torres Ramalho, professora primária. Com 2 anos, ficou órfão de pai, passando a ser criado pelos avós, José e Soledade Alves Ramalho. Em 1960, mudou-se com a família para a cidade de João Pessoa. Estudou nos melhores colégios da cidade e iniciou o curso de medicina.

INÍCIO DE CARREIRA

Zé Ramalho começou sua carreira artística escrevendo versos de cordel. Cantava em conjuntos inspirados na Jovem Guarda e no rock inglês. Em 1974, teve uma música de sua autoria incluída na trilha sonora do filme: *Nordeste: cordel, repente e canção*, de Tânia Quaresma. Em 1975, lançou o disco *Paêbirú*, em parceria com Lula Côrtes. Logo estava tocando na banda de Alceu Valença. Nesse mesmo ano, participou do festival Abertura, quando cantou com Alceu Valença a música *Vou danado pra Catende*.

Em 1976, mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1977, gravou seu primeiro álbum solo, intitulado *Zé Ramalho*, que incluía a música *Avôhai*, composta em

homenagem a seu avô, como também *Chão de giz* e *Bicho de sete cabeças*. Seu trabalho foi elogiado pela crítica e fez sucesso de vendas. Zé Ramalho ganhou o prêmio de Melhor cantor revelação da Associação Brasileira de Produtores de Discos.

Em 1979, Zé Ramalho lançou seu segundo disco solo, que fez grande sucesso com as músicas *Admirável gado novo* e *Frevo mulher*. Em 1980, mudou-se para Fortaleza, onde escreveu o livro de poesias *Carne de pescoço*. Em seguida, lançou os álbuns *Terceira lâmina* (1981), *Força verde* (1982), *Orquídea negra* (1983).

TRILHA SONORA DE NOVELAS

Zé Ramalho ganhou grande projeção ao ter suas músicas incluídas em trilhas sonoras de diversas novelas, entre elas: *Mistérios da meia-noite* – Roque Santeiro (1985), *Oh! Pecador* – De quina pra Lua – (1986), *Entre a serpente e a estrela* – Pedra sobre pedra (1992), *Sensual* – Fera ferida (1998), *Profetas* – O fim do mundo (1996), *Admirável gado novo* – O rei do gado (1996), *Avôhai* – A indomada (1999) e *Êta mundo bom!* (2016).

OUTROS SUCESSOS

Em 2000, o sucesso se repetiu com o disco *Nação nordestina*, indicado ao Grammy Award de Melhor álbum de música regional ou de raízes brasileiras. O sucesso se seguiu com o lançamento de discos que homenagearam diversos cantores, entre eles: *Zé Ramalho canta Raul Seixas* (2001), *Zé Ramalho canta Bob Dylan* (2008), *Zé Ramalho canta Luiz Gonzaga* (2009), *Zé Ramalho canta Jackson do Pandeiro* (2010) e *Zé Ramalho canta os Beatles* (2011).

Em 2014, lançou, em parceria com Fagner, *Fagner & Zé Ramalho ao vivo*. No dia 12 de agosto de 2016, o cantor celebrou o box *Zé Ramalho voz e violão – 40 anos de música* com um show na concha acústica do Teatro Castro Alves, em Salvador. Em maio de 2018, o compositor se apresentou no Teatro Guararapes, no Recife, onde também festejou 40 anos de carreira.

Outro aspecto característico em Zé Ramalho é a sua intelectualidade cultural, pois todas as letras de suas canções possuem saberes em todos os sentidos: filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicológicos e utópicos em virtude da sua grande dedicação à leitura de clássicos literários mundiais. Zé Ramalho deixou o quarto ano de medicina, em uma faculdade de seu estado natal, para exclusivamente dedicar-se àquilo que sabe fazer e fazer muito bem: a música.

INTRODUÇÃO

A análise literária pode abranger diversos aspectos de acordo com a necessidade de aprofundamento de estudo. Em termos de pensamento analítico, podemos iniciar, no âmbito da contextualidade, um rastreamento linguístico, para obtermos os métodos ou as características que o autor de um texto ou uma obra utilizou para expressar suas ideias ao público leitor.

Coerência, coesão e concisão são outros aspectos essenciais para que a obra a ser analisada possa trazer subsídios para o bom entendimento daquilo que o autor colocou. O título e o tema, às vezes não mencionados no corpo dissertativo, levam-nos a um princípio de visão semiótica, a ser detectado nas três divisões textuais: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Nesse trabalho que ora se inicia, mesmo que seu objeto de estudo não seja em prosa, temos bastante campo para uma delimitação, uma discussão temática, uma visão de mundo literária e demais questionamentos, que nos levem ao conhecimento não em muita profundidade, mas substancialmente, do profissionalismo talentoso nas áreas de poesia e música.

OBJETO DA SOCIOLOGIA

Uma ciência caracteriza-se pelo seu objeto e pelos seus métodos. Quanto à Sociologia, o seu objeto se encontra no exame dos fenômenos coletivos, através de teorias e métodos próprios. À medida que reconhecemos a categoria de ciência à Sociologia, há uma exigência maior de objetividade na análise desses fenômenos. Nem todos os autores estão de acordo com relação ao objeto da Sociologia, envolvendo uma diversificação teórica. Podemos destacar três notáveis conceituações nas teorias de Durkheim, Weber e Parsons:

1. A análise do conceito de fato social, proposto por Durkheim, que possibilita a compreensão da sociedade e das relações nela existentes através de um enfoque objetivo, característico desse autor.

2. O exame do conceito de ação social enunciado por Weber, que permite compreender a conduta humana em sociedade e que fornece a explicação causal de sua origem e de seus resultados.

3. O estudo do conceito de ação social proposto por Parsons, que evidencia os elementos constitutivos da ação social e o reconhecimento da sua importância na orientação do homem em suas relações sociais.

FATO SOCIAL

O estudo científico da sociedade sofreu indiscutível impacto no século XX com a contribuição de Durkheim. Ele formulou com firmeza e convicção uma assertiva que fortemente repercutiu nas interpretações sociológicas¹. Qualificou, com efeito, o fato social como uma “coisa” e preconizou que, para estudá-lo, fossem aplicados os métodos e processos, isto é, os recursos experimentais empregados nas ciências exatas. Para explicação do fato social, havia a necessidade, segundo ele, de investigação das causas sociais e não meramente históricas, psicológicas e biológicas.

O pensador francês, em defesa do seu ponto de vista, apresenta uma definição clara, compreensível e mesmo correta: “É o fato social toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa Ter”.

.....
¹ Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Fato-Social-%C3%89mile-Durkheim/251502.html#:~:text=O%20estudo%20cient%C3%ADfico%20da%20sociedade,fortemente%20repercutiu%20nas%20interpreta%C3%A7%C3%B5es%20sociol%C3%B3gicas>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

CARACTERÍSTICAS DO FATO SOCIAL

De sua definição, podemos tirar as características específicas do fato social:

- Exterioridade, em relação às consciências individuais.
- Coercitividade, a coerção que o fato social exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos.
- Generalidade, em virtude de ser comum ao grupo ou à sociedade.

Exterioridade

O conceito de exterioridade dos fatos sociais baseia-se na concepção durkheimiana de consciência coletiva, por ele definida como o conjunto das maneiras de agir, de pensar e de sentir, comum à medida dos membros de determinada sociedade e que compõe a herança própria dessa sociedade.

Coercitividade

As normas de conduta ou de pensamentos são, além de externas aos indivíduos, dotados de poder coercitivo, porque se impõem aos indivíduos, independente de suas vontades.

Generalidade

A consciência coletiva, isto é, o conjunto das maneiras de agir, de pensar e de sentir é característica geral de determinado grupo ou sociedade; dará feição particular a uma sociedade e permitirá distinguir, por exemplo, um brasileiro de um boliviano. Entretanto, Durkheim reconhecia a existência individual, que se manifesta através dos traços de caráter ou de temperamento e de acúmulo das experiências pessoais, o que permite uma relativa autonomia no uso e na adaptação das maneiras de agir, de pensar e de sentir.

Ação social

Com Émile Durkheim a definição do objeto da Sociologia fato social – em caráter objetivo, porque determina o caráter social da ação a partir da coerção exercida do exterior sobre a conduta dos indivíduos. Mas Weber, quando de modo subjetivo à ação social objeto da Sociologia –, baseia-se em critérios internos dos indivíduos participantes.

Weber considerou que as Ciências Sociais tinham certas vantagens sobre as Ciências Naturais, havendo a possibilidade de uma espécie de compreensão, baseada no fato de que os seres humanos são diretamente conscientes das suas ações. Assim, por exemplo, no estudo dos grupos sociais, pode-se ir além

da demonstração de relações funcionais e de uniformidades; podem-se compreender as ações e intenções subjetivas dos membros individuais.

Admirável gado novo

Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muitos mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer
Êh, ôô, vida de gado
Povo marcado
Eh, povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!
Êh, ôô, vida de gado
Povo marcado
Eh, povo feliz!

O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela.
Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível,
Não voam, nem se pode flutuar
Êh, ôô, vida de gado
Povo marcado
Eh, povo feliz!

O povo, a massa está muito bem inserida em toda a contextualidade da poesia ramalhiana, em *Admirável gado novo*. O social é temática preponderante a cada verso, a cada rima. Nós fazemos parte dessa massa, fazemos parte dos projetos do futuro, que para nós não terá futuro, porque caminhamos, damos, nunca recebemos, embora demonstremos nossa coragem e que essa correlação, essa engrenagem já vai ruir, já vai a ferrugem comer.

Nós – o povo – o pequeno – o submisso – sentimo-nos encarcerados, pois a vigilância cuida do normal, e a qualquer tumulto ou rebelião, de grevistas ou de sem terras, os “homens” publicam nos seus jornais.

E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou

Aqui o pobre, sem terra, sente-se obrigado não só socialmente, mas também necessariamente a ocupar um espaço que não é seu, pois ele apenas quer abrigo e local de produção, e passa a se desesperançar e aceitar submissamente o despejo inevitável pelos homens da lei ou da força.

Ele passa a seguir um destino sem destino, fugindo da ignorância, sem ter forças para se desvencilhar dela e do sofrimento acompanhado de um sonho de vida selado.

Uma passagem bíblica fecha literalmente e literariamente, uma literatura consagrada para o autor, diferente para um povo que seu mundo e acabar, sem esperanças de uma arca de um novo Noé quem sabe voar ou flutuar.

Esse mesmo povo marcado, como gado, mas feliz.

Vila do sossego

Oh, eu não sei se eram os antigos que diziam
Em seus papiros Papillon já me dizia
Que nas torturas toda carne se trai
E normalmente, comumente, fatalmente, felizmente
Displicentemente, o nervo se contrai
Ô, ô, ô, ô, com precisão!

Nos aviões que vomitavam paraquedas
Nas casamatas, casas vivas, caso morras
E nos delírios, meus grilos temer
O casamento, o rompimento, o sacramento, o documento
Como um passatempo quero mais te ver
Ô, ô, ô, ô, com aflição!

Meu treponema não é pálido nem viscoso
Os meus gametas se agrupam no meu som
E as querubinas meninas rever
Um compromisso submisso, rebuliço no cortiço,
Chame o Padre Ciço para me benzer
Ô, ô, ô, ô, com devoção

Outra vez, vimos na poesia ramalhiana questões sociais abrangendo inúmeras “Vilas do sossego” existentes nas diversas camadas da nossa sociedade, inclusive a de menor poder aquisitivo, onde a promiscuidade campeia, tão

somente, às vezes pela necessidade ou simplesmente pelo uso atraente do gozo carnal.

E o que trata a primeira estrofe se os antigos que diziam ou se nos escritos de Papillon – fugitivo, denotando borboleta, que procura a liberdade, que por ser presa, não foi exceção, em ter suas carnes traídas, comumente, fatalmente, contraídas, ou seja, seus nervos relaxados após tortura, numa prisão, que para muitos dos encarcerados ou fugitivos, entende-se ser uma vila só sossego físico, psicológico, sossego de vida sem parada de tempo.

A expressão meu treponema não é pálido nem viscoso dá um sentido quase que sífilítico para as andanças mundanas masculinas nesse submundo, pois os seus gametas se agrupam, e aqui as querubinas, tidas como anjos, sendo revistas, com compromisso e havendo um rebuliço, precisando após um arrependimento, quer apenas uma redenção ao Padre Cícero (Ciço).

PROBLEMA DOS MITOS

De imediato, podemos nos surpreender com a questão do mito da neutralidade científica nos levar diretamente à presença dos mitos nas sociedades primitivas. É como se déssemos um salto no escuro ou mesmo como procurássemos elos entre mito e razão.

Mas a questão fundamental que está em jogo é aquela que se refere à verdade do mito. Esta questão nos remete à análise do seu significado e valor. Mas primordialmente percebe-se que a relação do homem com o mito se dá de modo bipolar: de um lado, é passivo diante dos mitos; do outro, ele mesmo produz mitos de acordo com seus interesses psicológicos e sociais.

O mito revela a própria ambiguidade do ser humano e da própria humanidade. Depois dos estudos de Freud, o homem pode deixar de ser encarado à luz de duas dimensões: consciente e inconsciente. A primeira zona, considerada “clara”, racional, está voltada para a realidade. A segunda zona, “obscura”, fonte dos desejos, se acha socialmente reprimida. Isto significa que o homem, enquanto não examina a sua personalidade como um todo, vive sem se dar conta da sua cegueira e adota máscaras socialmente aceitas. Quanto mais ele desconhece os seus mitos, as suas fantasias inconscientes, mais ele é presa fácil dos mitos fabricados no meio social.

O mito tem vários sentidos, dependendo do enfoque em que é analisado. Do ponto de vista do conhecimento, podemos destacar dois sentidos para o mito: o primeiro, pejorativo, que encerra o mito como conhecimento falso, irreal e desvaloriza o papel do mito; o segundo, significativo,

que faz o vigor do mito enquanto linguagem que revela o sentido do real verdadeiro para um grupo social.

Assim, conceito de mito apresenta-se como um conceito ambíguo, por ter um núcleo considerado falso e verdadeiro. Ora como conhecimento ideológico que passa valores normais e ideias, mas esconde o verdadeiro significado do fenômeno, ora como conhecimento verdadeiro que atende às profundas necessidades do homem.

Mas o que significa o mito para as sociedades primitivas?

Nas épocas antigas, entre os povos primitivos, o mito como forma de conhecimento tinha por função descrever, explicar, dar nomes, dizer as origens, desempenhava o papel da teologia, da filosofia, da ciência, saberes que foram estruturando racionalmente ao longo da história. Mas a abrangência dos mitos vivos, nas sociedades antigas, era de tal ordem que os seus criadores não podiam deixar de usar uma linguagem poética, fruto da imaginação, elaborada para expressar emoções. Criavam metáforas para dizer mais os signos usuais; e a dificuldade da decifração tem dado origem às controvérsias interpretações do seu significado.

Hoje, quem sofre a força dos mitos? Quem elabora os mitos? Com que fim criam modelos e ideias? O que significa a radical distinção entre mito e ciência? Por que o primeiro

aparece como irreal, irracional, sinônimo de desordem, e o segundo como real, racional, ordem? Alguns estudiosos dizem que o mito deu origem à ciência. Mas compreender o mito talvez nos ajude a compreender a manipulação feita na sociedade em nome da ciência e perceber em que sentido a ciência é mitificada.

Mas o que esperamos com o estudo do mito?

Compreender o nível do senso comum, no qual o mito é encarado como conhecimento irracional, de fundo irreal. E pretendemos alcançar um conhecimento, fundamentado nas ciências sociais (Antropologia, Psicologia, História, Sociologia, etc.) que nos revela o mito como uma “história verdadeira”, isto é, um conhecimento abrangente que responde às perguntas sobre as origens e fins, perguntas de índole filosófica, teológica, científica e atenda às necessidades profundas do ser humano como vida e morte.

Eu desço dessa solidão
Espalho coisas sobre um chão de giz
Há meros devaneios tolos a me torturar!
Fotografi as recortadas em jornais de folhas, amiúde...
Eu vou te jogar num pano de guardar confetes
Eu vou te jogar num pano de guardar confetes...

Disparo balas de canhão
É inútil, pois existe um grão-vizir
Há tantas violetas velhas sem um colibri
Queria usar, quem sabe uma camisa de força ou de vênus
Mas não vou gozar de nós apenas um cigarro
Nem vou lhe beijar, gastando assim o meu batom...

Agora pego um caminhão na lona, vou a nocaute outra vez
Pra sempre fui acorrentado no seu calcanhar
Meus vinte anos de “boy”, *that’s over baby!* Freud explica...

Não vou me sujar fumando apenas um cigarro
Nem vou lhe beijar gastando assim o meu batom
Quanto ao pano dos confetes, já passou meu carnaval
E isso explica por que o sexo é assunto popular
No mais estou indo embora!

Chão de giz
Zé Ramalho

Essa música, com sua letra fenomenal e bem elaborada, marcou gerações, inclusive a minha, razão pela qual ainda hoje aprecio e ouço com fervor contumaz. *Chão de giz* fi cará marcada por toda a minha existência.

